

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA PLENA NOTURNA**

FLORENTINA REZENDE DO CANTO

**QUERO MEU LUGAR: A INCLUSÃO DE ALUNO NA TURMA DE
ANOS INICIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Santa Maria, RS
2023**

Florentina Rezende do Canto

**QUERO MEU LUGAR: INCLUSÃO DE ALUNO NA TURMA DE ANOS
INICIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia - Licenciatura Plena Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Santa Maria, RS
2023

Florentina Rezende do Canto

**QUERO MEU LUGAR: INCLUSÃO DE ALUNO NA TURMA DE ANOS
INICIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia - Licenciatura Plena Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora Prof^a Dra. Tania Micheline Miorando

Santa Maria, RS
2023

Florentina Rezende do Canto

**QUERO MEU LUGAR: INCLUSÃO DE ALUNO NA TURMA DE ANOS
INICIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Aprovada em 12 de dezembro de 2023.

Tania Micheline Miorando, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Jane Schumacher, Dra. (UFSM)
(Avaliadora)

Santa Maria, RS
2023

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente ao meu filho, Sérgio Ricardo, por ser minha maior fonte de inspiração, força e coragem.

Ao meu marido Alexssandro, por toda ajuda e suporte no processo de toda minha graduação.

Aos meus pais por sempre me incentivarem que eu siga estudando, pois reconhecem o valor da educação. Infelizmente eles mesmos não tiveram as oportunidades que eu tive, visto que tiveram que trabalhar desde muito cedo, abandonando assim a Educação Básica.

Aos meus amigos e grandes mestres, Alexsandro e Sônia, por sempre me incentivarem e compreenderem as necessidades de minhas ausências do trabalho que tive no decorrer do processo.

À minha família por toda a rede de apoio que precisei, pois sem eles eu não teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus professores e colegas que somando conhecimentos e experiências foram a minha base, para que eu pudesse ter as ferramentas necessárias para desenvolver e aprimorar minhas habilidades.

Agradecimento

A Deus em primeiro lugar, pois sem ele nada seria possível.

À minha orientadora Tânia Micheline Miorando, que foi minha referência e incentivadora, por sua orientação clara, objetiva e empoderada, que acreditou em mim, me dando todo o suporte necessário. A professora me fez ver aspectos que até então eu não tinha percebido, possibilitando que eu fosse em busca de mais habilidades para defender meu ponto de vista. Estamos juntas desde o início de minha graduação e nesse processo de finalização do curso.

À professora Jane, que como mestra, compartilhou o que sabe com palavras positivas e motivadoras, possibilitando que eu me concentrasse nelas para que tivesse a coragem necessária para seguir estudando.

À professora Andrielli da Silva Fontoura, que também é para mim inspiração como pessoa e profissional que é, com sua história e disposição de passar seus conhecimentos, incentiva sempre o meu melhor. Não tem como esquecer que fomos a sua primeira turma em nossa faculdade e com quem conhecemos o Laboratório de Ciências.

Aos professores Luís Fernando Lazzarin e Claudemir de Quadros, que em hora boa agregaram ao meu conhecimento novas informações para aprimorar este trabalho. Os dois professores mencionados trouxeram ao meu conhecimento uma perspectiva diferente que me auxiliou nas reflexões.

Aos meus professores da Educação Básica e aos professores da graduação, que são, para mim, fonte de inspiração por suas docências humanizadas.

Aos meus colegas da turma "14 noturno", do Curso de Pedagogia - Noturno, que estiveram comigo no processo dos cinco anos de minha formação, assim como na construção deste trabalho.

À minha família, por sempre me apoiar ir em busca dos meus sonhos para realizá-los, dando-me todo o suporte necessário no decorrer do processo.

RESUMO

Por meio deste trabalho, vinculado ao curso de Pedagogia - Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), busquei fazer uma reflexão acerca das relações de uma determinada turma de Anos Iniciais da rede pública do Município de São Pedro do Sul/RS, com um colega com epilepsia, abordando a inclusão. Para atingir esse objetivo foi observado o comportamento dos colegas de turma dentro do ambiente escolar. Por referencial teórico, tomei os documentos da Educação e da Pedagogia, assim como artigos sobre inclusão e epilepsia, retirados de diversas fontes de referências. Trago os autores estudados durante o curso e especialistas da área educativa, entre eles, Paulo Freire, John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Emília Ferreiro, Jean-Jacques Rousseau e Maria Montessori entre outros. A metodologia é qualitativa e traz narrativas que se compuseram através da produção e compreensão das memórias e experiências com coleta e análise de dados, narrando cenas inclusivas e não-inclusivas em uma escola municipal. O trabalho se deu por um estudo de caso, pesquisa qualitativa e relatos de experiências de forma objetiva, para compreender o comportamento humano, baseados em autores como Piaget e Vygotsky. Cheguei aos resultados de que as interações acontecem através das relações cotidianas entre os alunos em seus grupos. Através de cenas de inclusão e não-inclusão e suas devidas observações, é possível perceber as interações entre as crianças, o ambiente escolar e os adultos em sua volta. Essas observações e cuidados podem levar a uma educação cada vez mais inclusiva, por estarmos atentos e sensíveis ao que acontece diariamente, possibilitando usar ações, cenas e brincadeiras.

Palavras-chave: Inclusão. Epilepsia. Criança. Escola

ABSTRACT

Through this work, linked to the Pedagogy - Evening course, at the Federal University of Santa Maria (UFSM), I sought to reflect on the relationships of a certain Early Years class in the public network of the Municipality of São Pedro do Sul/RS, with a colleague with epilepsy, addressing inclusion. To achieve this objective, the behavior of classmates within the school environment was observed. As a theoretical reference, I took Education and Pedagogy documents, as well as articles on inclusion and epilepsy, taken from different reference sources. I bring the authors studied during the course and specialists in the educational field, including Paulo Freire, John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Emília Ferreiro, Jean-Jacques Rousseau and Maria Montessori, among others. The methodology is qualitative and brings narratives that were composed through the production and understanding of memories and experiences with data collection and analysis, narrating inclusive and non-inclusive scenes in a municipal school. The work was carried out through a case study, qualitative research and objective reports of experiences, to understand human behavior, based on authors such as Piaget and Vygotsky. I arrived at the results that interactions happen through everyday relationships between students in their groups. Through scenes of inclusion and non-inclusion and their appropriate observations, it is possible to perceive the interactions between children, the school environment and the adults around them. These observations and care can lead to an increasingly inclusive education, as we are attentive and sensitive to what happens daily, making it possible to use actions, scenes and games.

Keywords: Inclusion, Epilepsy, Child, School

SUMÁRIO

1 AS REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS MATERNAS COMO BASE PARA A VIDA DOCENTE, NA EXPECTATIVA DA INCLUSÃO	10
PROBLEMA	12
OBJETIVOS	
Objetivo geral	12
Objetivos específicos	12
2 A INCLUSÃO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	13
2.1 Episódio da inclusão de uma criança com epilepsia	15
2.2 A formação do professor para a inclusão na escola contemporânea	16
3 TÃO IMPORTANTE QUANTO O RESULTADO FINAL É O CAMINHO DE TODO O PROCESSO	19
3.1 A cada uso da lupa da pesquisa, uma nova descoberta	20
3.2 Ao prestar atenção nas crianças aprendemos mais que elas: as reflexões inclusivas que cenas memoráveis proporcionam	21
3.2.1 Cenas de Inclusão	21
3.2.2 Cenas de Não Inclusão	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 AS REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS MATERNAS COMO BASE PARA A VIDA DOCENTE, NA EXPECTATIVA DA INCLUSÃO

Estudei em escola pública na minha cidade durante toda minha formação básica. Sou a filha mais nova de três irmãos, morávamos no interior e íamos de transporte escolar até a escola mais próxima. Comecei o Ensino Médio pela etapa regular e concluí na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA). Para isso, tive que sair da casa dos meus pais para morar na cidade, com familiares.

Enquanto estudava no Ensino Médio eu já trabalhava. Após sete anos, passei na terceira chamada oral para o curso de Pedagogia Licenciatura Plena, noturno, da Universidade Federal de Santa Maria. Estou terminando o curso, morando e trabalhando na minha cidade, que fica há trinta quilômetros de distância da faculdade. Por isso, viajo todos os dias, saindo mais cedo do serviço e voltando tarde da noite.

Atualmente sou casada e tenho um filho de nove anos. Por causa da minha rotina de trabalho e estudo, acabo deixando meu filho com a família, que é minha rede de apoio. Eu recebo incentivo para seguir estudando e na medida que sou inspiração para os demais, me fortalece para seguir a trajetória acadêmica.

O curso de Pedagogia nos proporciona um conjunto de recursos que possibilita adquirir conhecimentos e habilidades. Para que possamos ingressar na carreira docente e ter feito isso tudo em uma faculdade pública de grande renome como a Universidade Federal de Santa Maria, não poderia ter me deixado mais satisfeita e orgulhosa. Educação gratuita que possibilita-me estar usando esse direito que tenho, sendo a primeira da família a ter uma graduação, assim como ao me orgulhar de mim mesma, saber que sou o orgulho da minha família, me motiva.

Ser professora tem um valor e tamanho imenso e único que todos deveriam experimentar. Essa sensação ultrapassa o fato de ser mestre, mas de aprender muito mais do que ensina. Na educação Libertadora, como defende Freire (1997), se tem uma linha de mão dupla, ao compartilhar as informações, onde o professor não é o único que detém as habilidades de ensinar. Freire (1996, p.13) dizia: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Foi através dessas reflexões que pensei no meu tema para este trabalho.

O tema foi escolhido por minha experiência materna. Através das observações feitas percebi a importância de uma criança ser acolhida no ambiente

escolar. Nisso, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) dá à criança o suporte necessário para que todas as fases de sua educação básica sejam de boas experiências. Assim, ela pode se sentir motivada e querer estar em um lugar que é seu por direito.

Além da experiência materna, os estudos feitos durante o curso de Pedagogia me ajudaram a refletir sobre as práticas educacionais inclusivas. Foi através dos textos, trabalhos, palestras e seminários temáticos que foi possível problematizar as ações e estratégias usadas que poderiam servir ou não para serem usados na minha docência futura. Cada uma dessas experiências, recursos e materiais, possibilitando filtrar o que poderia dar certo, assim como discutir onde deveria ter mudanças, foi possível fazer uma reflexão através das problematizações.

Este trabalho é para pensar em uma docência inclusiva. A faculdade possibilitou absorver a experiência materna e os estudos durante todo o curso, voltados a uma escuta sensível e contextualizada que permite elaborar planos mais individualizados. Na escola, através da aceitação da diferença, por exemplo, e partindo da ideia que cada aluno é único e tem muita capacidade, é possível perceber que a criança está em um lugar que lhe pertence.

O papel da escola é ser um lugar de acolhimento de todos. É importante que ela seja um ambiente pensado e preparado para que todos adquiram conhecimento e desenvolvam-se como pessoas. A partir do momento que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades e condições necessárias para se desenvolverem, elas serão inseridas em grupos que antes não faziam parte, grupos que não eram vistos, sendo iguais entre os diferentes indivíduos presentes na sociedade.

É convivendo e cooperando com a diversidade humana que é possível ter uma aprendizagem inclusiva. A educação inclusiva é necessária e precisa ainda em dias atuais, por mais que se tenha tido um pouco de evolução, há ainda muito preconceito e segregação. Ainda é preciso trazer para a sala de aula ações inclusivas para que nenhuma criança se sinta excluída no ambiente escolar.

O título desse trabalho fala por si, mas trago aqui a importância dele. Toda criança chega no ambiente escolar querendo seu lugar, pois é rejeitada em casa e na sociedade, muitas vezes. A educação inclusiva vem com o objetivo de proporcionar que a criança encontre seu lugar de direito. Quero que meu lugar tenha um peso e valor impagável por significar o pertencimento que as crianças procuram.

A sequência do trabalho vem desenvolver o que aqui apresento. Nas próximas seções darei abertura para o problema e os objetivos, geral e específicos, seguindo na linha de raciocínio e reflexão acerca da inclusão no contexto escolar atual, tema este ainda muito importante a ser debatido.

PROBLEMA

A inclusão não é mais um desafio só da escola. Como identificamos a inclusão nos Anos Iniciais a partir das relações observadas entre as crianças?

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Identificar as relações observadas entre as crianças de uma determinada turma dos Anos Iniciais com a inclusão de um aluno com epilepsia.

Objetivos específicos

- Observar como funcionam as relações em uma determinada turma dos Anos Iniciais com a inclusão de um aluno com epilepsia, abordando a inclusão.

- Narrar episódios que mostram as relações em uma determinada turma dos Anos Iniciais com a inclusão de um aluno com epilepsia, abordando a inclusão.

A seguir, inicio as discussões abordando a escola contemporânea. Quando menciono as instituições de ensino penso nelas com o olhar sobre a inclusão. Estamos sempre buscando incluir todos, em uma luta constante por garantias de direitos e resoluções de conflitos. Atualmente temos diversos modelos de educação, assim como escolas que são modelos inclusivos como citadas a seguir, quando menciono a Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo - Universidade Federal de Santa Maria.

2 A INCLUSÃO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Cada ser humano tem seu modo e tempo de desenvolvimento, cabendo a ele o direito de ter esse tempo respeitado. Cabe à sociedade, à escola e à família fornecer todo o suporte para que a criança se sinta incluída no lugar que lhe pertence. Este é o papel do professor, de mediador de todas as possibilidades com o auxílio de recursos necessários para o melhor aproveitamento de novas experiências.

A inclusão se faz necessária a todos, independente de suas condições. Afinal, em algum momento, todos podem precisar de algum auxílio durante o processo de formação educacional. Através de profissionais e recursos especializados, a instituição de ensino possibilita a acessibilidade e a permanência do aluno na escola, direito este estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Acredito que para uma educação inclusiva em sua totalidade, há uma necessidade de mútua colaboração. É preciso que a família, a escola e a comunidade estejam juntas em prol de ações inclusivas, para que isso seja normal e natural. O tema inclusão ainda é pertinente e deveria já estar bem estabelecido na prática escolar sem precisar ser cobrado ou visto como algo imposto.

O ingresso no ambiente escolar é um enorme desafio. A criança estava acostumada com sua família e depois precisa frequentar as instituições de ensino, tendo a necessidade de conviver diariamente com pessoas até então desconhecidas e totalmente diferentes com a sua cultura.

Toda criança excluída chega pensando em ocupar seu lugar nos ambientes que frequenta. Seria esse o papel da escola e da sociedade, proporcionar que todos tenham acessos de forma igualitária. Não devemos pensar no limite individual de cada, mas em seus potenciais e focar neles, assim não os limitaria, dando todo o suporte necessário para seu total desenvolvimento.

A partir do momento que sejam realizadas as práticas pedagógicas inclusivas é possível desconstruir paradigmas e diminuir os traumas gigantesco. Paradigmas estes que são repetidos diariamente quando se limita o aluno a estar em uma caixa, moldando a um padrão já estipulado de comportamento. Cada criança carrega consigo a marca da rejeição e da solidão por causa de adultos maldosos que não compreendem e respeitam a diversidade, gerando assim uma reprodução por parte das demais crianças que convivem com esses adultos.

Somos todos diferentes e únicos. Cada pessoa possui sua particularidade, mesmo que vemos na escola e na sociedade atual, a criança dentro de uma caixa ou em sua própria bolha, mas é preciso romper essas barreiras que o prendem e o limitam. É um desafio maior pensar em atividades lúdicas e inclusivas tanto no ambiente familiar como no ambiente escolar, pois seria necessário abrir mão do comodismo da reprodução.

Acontece em instituições de ensino, algumas situações onde a criança que não segue as regras pré-estabelecidas no ambiente escolar, é retida no recreio, não podendo sair da sala de aula. A escola causa ainda mais a exclusão quando priva a criança de ter convívio com os demais colegas, deixando-a sem acesso a brincadeiras livres que facilitariam seu desenvolvimento físico e intelectual. As consequências por ações das crianças são impostas, sem explicar o motivo das punições, como castigo, solitários.

O aluno busca na escola um lugar de aconchego e de pertencimento. As instituições deveriam estar preparadas para receber todas as diferentes crianças, com todas as suas necessidades educativas, proporcionando a elas todos os recursos adaptativos para que suas deficiências não fossem passadas despercebidas e sem suporte ou apoio educacional especializado, quando necessário.

Nem todas as deficiências são vistas e compreendidas. Muitas vezes se vê uma criança problemática que só quer chamar atenção. Pode ser uma criança inquieta que seria necessário o docente avaliar e refletir o contexto, para que se for preciso, mudar seu comportamento e rotina para que essa criança seja incluída na turma e na escola, que é o seu lugar por direito.

Há uma divisão na sociedade que não deveria existir. Essa divisão é como se cada criança fosse etiquetada e catalogada conforme seus traços físicos ou intelectuais. Em uma determinada escola, por exemplo, os alunos são separados em grupos conforme seu desenvolvimento e não visto que em diferentes pares poderiam ter muito mais aproveitamento.

As práticas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo - Universidade Federal de Santa Maria, servem de exemplo para defender a ideia de diferentes formas de agrupamentos. Na Unidade, as turmas são por multi-idade e com isso mais experiências de interações, pois uns aprendem com os outros, tendo troca mútua de conhecimentos. Essa proposta não precisa ser apenas com crianças em diferentes

faixas etárias, podem também ser com as que têm a mesma idade e estarem em diferentes níveis de aprendizagem.

A deficiência de uma criança acaba se tornando um sobrenome dela mesma. A partir do momento que junto com o nome vem a descrição da deficiência que ela possui, como se fosse um adjetivo ou uma referência. Essa nomenclatura extra acaba excluindo ainda mais, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, principalmente quando, por exemplo, em sala de aula contamos quantos alunos tem e dizemos que há dezesseis alunos e quatro autistas.

Quando é falado o nome de uma criança, geralmente vem junto a descrição de sua limitação, por exemplo, “Enzo, o cadeirante”. Essa criança deixa de ser filho, irmão ou neto de alguém, para ser a descrição de sua patologia clínica, diagnosticada pelos médicos. Como se a criança não fosse mais protagonista de sua própria história e sim a sua deficiência.

Na maior parte do tempo podemos deixar a criança livre para se expressar, assim o professor conseguiria mediar melhor suas demandas. É através dessa liberdade que as maiores mediações acontecem, pois a criança se relaciona não só com o professor mas com os outros diferentes pares, contribuindo assim para a inclusão e a socialização.

Nas escolas existem diferentes necessidades inclusivas. Assim como diversos recursos e acessibilidade, sendo um tema amplo, o foco teórico deste trabalho é a inclusão de todos, já que a experiência materna, como menciono a seguir, se limita às consequências da epilepsia.

2.1 Episódio da Inclusão de uma Criança com Epilepsia

Quando menciono minha experiência materna, me refiro a ser mãe de uma criança com epilepsia, assim como minha preocupação com a educação inclusiva, como professora em formação inicial. Fernandes (2005) menciona que no final do século XIX, Jackson definiu a epilepsia como uma “descarga anormal excessiva do tecido nervoso” e tempos mais tarde, acrescentou que esta descarga poderia ocorrer em todas as pessoas e idades. As informações abaixo foram retiradas do estudo de Fernandes (2005).

A epilepsia é complexa e não é uma doença única. Junto com ela vem outros sintomas que afetam várias áreas do desenvolvimento humano, dependendo de como

são as crises e quais partes cerebrais são afetadas. Podem ser crises parciais ou crises generalizadas. É importante que o professor saiba como agir nos momentos de crises da doença.

O diagnóstico da epilepsia precisa de muitos dados como: idade do paciente, tipos de crises, quantidades de episódio da crise, histórico familiar onde observa se há casos e como foi a gestação e parto. Em função da necessidade desse conhecimento, é importante que seja feita uma entrevista para conhecer melhor a criança e o seu desenvolvimento.

O tratamento da epilepsia vai além de remédios. É preciso mais que o neurologista para dar conta de outros sintomas que vem junto com a epilepsia, tais como: atraso de linguagem, dificuldade de aprendizagem e de socialização. A escola pode proporcionar materiais e recursos para formar uma rede de apoio à criança e à família, para que sejam minimizados os impactos das consequências ou sequelas relacionadas à epilepsia ou outras patologias e transtornos.

A epilepsia é tratada com preconceito desde a Grécia, com mitos e crenças falsas. Por falta de conhecimento dos povos, misturava-se muito o senso comum e a religião para tentar explicar algo sem domínio do tema, por pessoas leigas. Ainda hoje esse preconceito existe e é onde a inclusão falta, não só no ambiente escolar, mas também no ambiente familiar, onde a criança deveria ser acolhida, ouvida e respeitada.

É essencial pesquisar e analisar a linha do tempo sobre o tema para compreendê-lo. Já que a epilepsia não é tema da educação especial, é importante falar sobre a formação do professor, como menciono a seguir, para tentar abranger a totalidade da inclusão no ambiente escolar.

2.2 A formação do professor para a inclusão na escola contemporânea

O curso de Pedagogia aborda algumas questões sobre a inclusão, seja dos excluídos na sociedade ou dos alunos com necessidades educacionais especiais. O curso proporciona conhecer uma linha histórica dos acontecimentos, sendo possível entender as mudanças e os processos desde antigamente até a atualidade. Mesmo que tenha tido evoluções, ainda o tema precisa ser discutido, para que cada vez mais

tenhamos profissionais aptos e engajados que consigam entender cada criança em sua particularidade.

As disciplinas de Educação Especial e Psicologia trazem discussões importantes para compreender o processo de ensino-aprendizagem. Quando nós compreendemos as relações, interações e desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional das crianças, nos possibilita assim desenvolver ações que evidenciam seus potenciais. Estas e outras disciplinas trazem estudos fundamentados por grandes pesquisadores, profissionais da área, psicólogos, sociólogos, autores e estudiosos como Paulo Freire, John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Emília Ferreiro, Jean-Jacques Rousseau e Maria Montessori, entre outros.

A partir do momento que o professor se apropria dos documentos da inclusão, ele terá base fundamentada para garantir seus argumentos em prol de uma educação inclusiva de qualidade, onde todos serão beneficiados em sua magnitude e totalidade. Há documentos que podem e devem sempre ser consultados, assim como outros que poderão surgir, para que o profissional esteja o mais atualizado possível.

É importante que seja ofertado curso de formação continuada para todos os professores direcionados aos Atendimentos Educacionais Especializados. Isso é possível pois tem a Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que iniciou no Brasil com a implantação de Salas de Recursos Multifuncional, para os alunos públicos alvo da Educação Especial. Nesses espaços, requer aperfeiçoamento profissional para que contemplem as necessidades de aprendizagens dos alunos.

A inclusão escolar é fundamentada pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEEPEI (BRASIL, 2008), as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (BRASIL, 2009), o Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011), a Lei Brasileira da Inclusão da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015) e a Lei 13.409, sobre a política de reserva de vagas nas Instituições Federais de Ensino (BRASIL, 2016).

Através da escuta sensível e de conhecer o contexto, é possível uma educação inclusiva de qualidade. A pedagogia da escuta de Reggio Emilia aborda a autonomia da criança para escolher o que quer aprender. Assim, ela estará motivada

pela sua área de interesse. Como defende Paulo Freire na educação baseada no contexto de cada um, é possível incluir a todos, pois se sentirão pertencentes ao lugar onde estão.

Para que seja posta em prática tudo que a teoria traz, é preciso estar sempre atualizado. O ser professor nunca para de buscar novos conhecimentos para aprimorar e evoluir sempre. É preciso compreender todas as fases do desenvolvimento das crianças para saber o que fazer, como fazer e quando, pois são nos pequenos detalhes que se percebe a necessidade de atenção. É importante que o professor siga sempre buscando estudos sobre as condições de desenvolvimento das crianças.

O curso de Pedagogia é apenas um ponto de partida para uma docência humana e realista. É o lugar que permite ir em busca de novos conhecimentos e horizontes para que seja posto em prática uma educação inclusiva de qualidade, para que se torne proveitoso o tempo e espaço escolar.

Seria essa docência humana que é inspiradora, a melhor para seguir atuando dessa forma. Abrangeria assim todos em volta, contagiando e transformando a educação que conhecemos hoje, para que cada vez haja mais aproveitamento e inclusão. Ainda é necessário mudar as ações no ambiente escolar.

Assim como a formação docente é importante, o caminho percorrido até chegar aos resultados também é. Ao analisar todo o processo é possível refletir depois de problematizar e argumentar sobre, após todas as pesquisas e estudos teóricos acerca do tema, trago a seguir um pouco dessa trajetória.

3 TÃO IMPORTANTE QUANTO O RESULTADO FINAL É O CAMINHO DE TODO O PROCESSO

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, com interpretação, interação e compreensão das relações entre os indivíduos no ambiente escolar. Na produção dos dados foi possível compreender como as crianças se desenvolvem através das descrições detalhadas sobre as cenas vistas. A metodologia é qualitativa e traz narrativas que se compuseram através da produção e compreensão das memórias e experiências com coleta e análise de dados, narrando cenas inclusivas e não-inclusivas em uma escola municipal

O trabalho se deu por um estudo de caso, pesquisa qualitativa e relatos de experiências de forma objetiva, para compreender o comportamento humano, baseados em autores como Piaget e Vygotsky. Através de análise, pesquisa, produção de dados e compreensão de situações particulares no contexto escolar, nota-se as relações sociais, neste ambiente, entre educandos e alunos. Do ponto de vista da inclusão, é possível refletir e discutir ações que promovem cada vez mais interações acolhedoras em ambientes escolares, entre crianças e adultos.

No início deste trabalho foi procurado artigos que tivessem o tema epilepsia. Esse tema é pouco abordado na área educativa, pois não é de sua total competência, é mais da parte médica. Assim como o trabalho inicial foi baseado na experiência materna e mudamos para a visão da docência, assim foi possível focar mais no ambiente escolar e suas possíveis interações.

As experiências vividas são um rico acervo de material para conduzir um trabalho repleto de boas reflexões acerca do tema inclusão. Olhando de forma geral, a atualidade proporciona muitos mecanismos de estudo e conhecimento, fundamentadas por artigos científicos e acadêmicos, escritos por grandes profissionais especializados.

Se faz necessário sair do senso comum para ter uma base sólida e ter bons argumentos em tudo que é dito ou escrito. Assim como na docência, é preciso ter consciência e ter documentos legais que sejam referências em todo o processo para que se tenha uma boa fundamentação teórica, tornando assim na maior parte, auto-sustentável.

A partir do momento que é feita uma reflexão sobre o que é lido, se faz ou não uma crítica. A ação de pensar sobre o que lemos, possibilita aos educadores, ver todo o processo de ensino e de aprendizagem para que mudanças sejam feitas, avaliando cada fase e fazendo as adaptações necessárias.

Usei minhas experiências e memórias para compor este trabalho. O objetivo dessas recordações foi explicar as situações vividas até então. Eu observei os colegas de escola de um aluno com epilepsia de uma turma de Anos Iniciais, em escola municipal. Assim, percebi a necessidade de reflexões como mãe e pedagoga para pensar sobre a inclusão que precisa existir no ambiente escolar, onde não deveria ser um local que falta espaço para um convívio coletivo, mas que todos se sentissem acolhidos.

3.1 A cada uso da lupa da pesquisa uma nova descoberta

Inclusão é criar oportunidades para que todos tenham acesso aos espaços. É preciso um ambiente acolhedor e provedor de igualdade para que todos sejam aceitos, independente de suas condições físicas, sociais e culturais.

Eder Pires (2017) diz em suas palavras que o conceito da inclusão é de incluir, acrescentar pessoas em grupos na sociedade, unir os indivíduos e aceitar as diferenças, valorizando as contribuições de cada um e aprender com a cooperação, com a diversidade e a convivência. Lendo esse trabalho e outros, assim como vendo no dia a dia, observo que através da inclusão vem a empatia, a tolerância, o respeito, a solidariedade, a fraternidade e fortalece ou cria laços de amizade e companheirismo.

Como foi observado e serão descritas cenas de inclusão sobre um menino com epilepsia, foi feito um estudo sobre o tema. Mesmo a epilepsia não sendo específica da área da Educação, ela traz demandas pertinentes ao desenvolvimento social e escolar da criança diagnosticada.

Marco Aurélio Smith Filgueiras (2007, p. 1) traz a etimologia da palavra epilepsia, quando diz que ela vem do grego e significa “algo que vem de cima e bate as pessoas”, como um choque nos neurônios que conseqüentemente pode “resetar” algumas funções do corpo humano, precisando ser aprendidas novamente, onde o remédio terá a função de criar uma ponte nesses neurônios afetados e separados pela crise epilética.

Segundo Costa, Brandão e Marinho Segundo (2020), a epilepsia é conhecida desde antigamente e por muitos povos. A história, a religião, a medicina e o senso comum têm, cada um deles, uma descrição sobre essa patologia, que varia conforme a cultura e o tempo. Somente na modernidade é possível ter maiores estudos, claros, objetivos e específicos sobre o tema, assim como mais aprofundados, descartando algumas suposições equivocadas.

3.2 Ao prestar atenção nas crianças, aprendemos junto com elas: as reflexões inclusivas que cenas memoráveis proporcionam

Por mais debatido que seja a inclusão, ela ainda precisa de atenção. Estamos em luta constante de direitos e igualdade: não seria diferente no ambiente escolar, onde retrata a realidade da sociedade. E notando cenas diariamente conseguimos aprender muito com as crianças, que tem uma troca de conhecimento não só dentro da sala de aula.

Para este trabalho vamos trazer cenas de inclusão e de não inclusão, descrevendo as relações entre colegas e um aluno com epilepsia na turma de Anos Iniciais no contexto escolar. Assim, nós poderemos refletir que todos têm direitos de estar no convívio dos diversos grupos que a escola proporciona.

3.2.1 Cenas de Inclusão

1. Quase todos os dias, no início do ano de 2023, tanto na entrada quanto na saída da escola, vem uma menina e abraça o colega. Ele retribui o carinho e sempre elogia a menina. Depois que ela sai de perto, ele conta para a mãe sobre seus sentimentos.

Quando cenas como essa acontecem, motiva a criança a voltar à escola, pois são cenas positivas e acolhedoras. É na boa relação com os colegas, nas relações de afeto e carinho que estabelecemos conexões e boas memórias, através dos contatos físicos e como nos expressamos em relação ao outro. Há diferentes modos de interações e cumprimentos. O fato de ter o contato físico, o afeto e o carinho, remete a cenas de aconchego e cuidados, pois é diferente de um cumprimento de longe de forma genérica e fria.

O fato da criança estar longe do grupo familiar, quando chega em um lugar com acolhimento, lhe traz segurança. Ela consegue socializar melhor, aceitar novos amigos e interagir de forma tranquila com todos em sua volta. Esta cena demonstra as diferentes mediações entre as crianças e entre o menino e sua mãe. Mostra os sentimentos dos estudantes ao descrever o afeto recebido da colega e a confiança que tem com seu familiar ao conseguir se expressar.

Quando a criança é bem recebida na chegada, a faz querer ficar ali durante todo o período escolar. Ela ter uma despedida afetuosa faz com que queira retornar à escola no dia seguinte. Quando a mãe leva a criança na escola e vê a troca de afeto, se sente segura em deixá-la ali. Cenas como essas remetem a escola a um lugar de aconchego, acolhimento e seguro para que a família possa trabalhar de forma sossegada, por ter a tranquilidade em saber que seu filho estará bem.

Foi possível identificar e relatar as relações observadas entre as crianças de uma determinada turma dos Anos Iniciais com a inclusão de um aluno com epilepsia. É importante esse acolhimento depois da transição entre as etapas de ensino, quando as crianças saem da Educação Infantil e vão para os Anos Iniciais. Segundo Vygotsky (2007, p.81), o indivíduo aprende no meio em que é inserido. É através das interações com o outro e nas relações sociais e culturais que a criança se desenvolve e está sempre em transformação.

2. No pátio da escola, quando o menino estava sentado no banco, à espera de entrar em sala de aula, chegam seus colegas para jogar “Pedra, papel e tesoura” e “Dois ou um”. Ele estica o seu dedo indicador tentando simbolizar a tesoura, que faz parte do jogo “pedra, papel e tesoura” brasileiro. Um dos colegas diz que é um elemento permitido no jogo similar na versão japonesa.

O menino conhece as duas versões do jogo “pedra, papel e tesoura”, tanto a versão brasileira como a japonesa, nomeada como “jokenpô”. Nesta cena é perceptível a relação harmoniosa em equipe quando um colega defende o outro. Nota-se a aceitação, a criatividade e a flexibilidade nas regras, pois eles mesmos criam e recriam as mesmas.

Se os professores ao observarem cenas como esta, tiverem um olhar sensível, poderão usar essas brincadeiras em sala de aula. Com a ajuda da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é possível ver quais áreas de conhecimentos abrangem cada uma dessas cenas, tendo o material e acervo de novas ideias e possibilidades didáticas. Através dos documentos educacionais é viável incluir os conteúdos obrigatórios para cada ano escolar, como matemática e geografia por exemplo.

3. As meninas chamam o menino para brincar de se esconder. Ele corre com obstáculos no pátio da escola. Elas ditam as regras e comando. Ele concorda e realiza todas as ações sugeridas.

Olhando de fora do contexto inclusivo, podem parecer ações simples e comuns. Mas olhando pela parte inclusiva, esses atos têm muito valor por mostrar a importância da interação entre todos os colegas, independente de suas habilidades e contextos. Podemos aqui questionar sobre a reversão de comando de regras. E se fosse o menino a ditar os comandos das brincadeiras? As meninas aceitariam, como ele aceitou? Afinal, o mundo e a sociedade já ditam como as mulheres devem se comportar em relação aos homens desde sempre e por que agora as meninas deveriam ser submissas?

As crianças se desafiam e percebem que são capazes de superar obstáculos não invencíveis, estimulando uns aos outros, assim como aumentando seus repertórios de brincadeiras e tendo aceitação das regras estabelecidas nos jogos. Nessa cena é percebido o trabalho em equipe e as relações entre colegas. Afinal, já é um ensaio do convívio em pequenos grupos, pois, em outras etapas da Educação Básica, existe a relação em grupos maiores. Nesses grupos, se veem as relações interpessoais através das mesmas áreas de interesse entre os integrantes. As crianças estreitam os laços de amizade e companheirismo, sentindo que pertencem àquele determinado grupo, por terem quase os mesmos gostos.

Com as relações interpessoais e interesses em grupos, é possível construir a identidade individual. Através do conflito e da diversidade cultural é necessário ter uma estrutura social e garantir os direitos, evitando a violência, a intolerância e a

exclusão no ambiente escolar, podendo as crianças desenvolverem-se na construção de sua identidade.

3.2.2 Cenas de não inclusão

1. Antes do sinal de entrada tocar, estão no corredor da escola duas meninas olhando o álbum da copa do mundo. Um menino chega e uma das meninas diz para ele sair de perto. A criança sem entender, recua e fica solitária.

Assim como os adultos, as crianças também têm dias diferentes, que afetam os seus relacionamentos e ações, depende do momento em que a criança se encontra, do dia e das circunstâncias. A mudança repentina de humor acontece com todos. Por isso, é necessário o professor estar atento e conversar sobre isso na sala de aula.

No primeiro momento, observando de longe, pode ser descrito como uma cena de exclusão motivada pela condição neurológica da criança com epilepsia, mas depois percebe-se que isso acontece com todas as crianças e não apenas com uma em especial.

É comum as crianças terem seu grupo motivado pelos mesmos interesses. Seria em pares, trios ou mais que compartilham suas experiências e gerem outras, sentindo-se parte de um todo no ambiente escolar. O processo de socialização é gradual, por isso, muitos grupos são fechados como se estivessem em uma bolha de relações diárias.

2. Os alunos em fila, saíram da sala de aula em direção ao portão da escola, na hora de ir embora. O aluno sai da fila, todos os outros alunos gritam com ele para ele voltar à fila, inclusive a professora. No momento seguinte, uma colega empurra vários colegas, inclusive o menino, na frente de professores e coordenação pedagógica, onde não é sequer chamada sua atenção.

É importante ter cuidado para que sejam aplicadas as mesmas regras a todas as crianças. Atenção também para contribuir com o bom convívio, servindo como exemplo e estímulo uns aos outros. É necessário que os profissionais da escola prestem atenção nesses pequenos detalhes para não gerar outras situações de intolerância, por exemplo, pois por mais pequenas que sejam essas cenas elas podem gerar outros conflitos futuramente.

Ações e atitudes como estas, podem gerar traumas que afetará também a adolescência e vida adulta, pois é vista como seletiva. A partir do momento que a criança vê que um colega fica impune e ele é repreendido, se nota uma seleção das consequências. Quando a criança diz em casa que não quer voltar à escola, não é questionado o motivo. Muitas vezes é por cenas de não inclusão, de não aceitação, de rigidez e falta de compreensão que causa desconforto à criança. É mais fácil a criança lembrar do que passou e pensar que isso vai se repetir no próximo dia, por isso não queira retornar à escola.

3. O menino não quer ficar sentado atrás de uma mesa fazendo as folhinhas de atividades propostas. Ele quer brincar, porém é retirado de sua classe e isolado dos demais, onde fica próximo à mesa da professora. Posteriormente é levado à direção.

Nessa cena questiono a metodologia usada pela professora, assim como os materiais de aprendizagem utilizados. Nós sabemos que cada criança tem seu tempo e condições de aprendizagem. Cada aluno aprende de seu modo e diferente em relação ao outro, outro ponto é a área de interesse e suas habilidades em determinada atividade.

Na Educação Infantil há jogos e brincadeiras, depois há a transição para os Anos iniciais do Ensino Fundamental, onde não se tem muitos espaços recreativos, limitando a criança a estar sentado atrás de uma classe na sala de aula.

Se faz necessário os professores terem um cuidado ao explicar às crianças sobre a transição entre as etapas da Educação Básica. É importante explicar às crianças que as rotinas em sala de aula mudam conforme o tempo vai passando.

4. Aos 4 anos de idade, ainda na pré escola, a professora alerta a mãe do menino por ele estar indo para casa com as roupas sujas, por ter brincado na areia durante o recreio. A preocupação da professora era sobre não ter no caderno da criança as atividades do dia para mostrar aos pais, pois a criança foi brincar. A criança foi vista, mais uma vez, como rebelde, por não querer ficar dentro da sala de aula e atrás de uma classe, fazendo as atividades diárias.

Um dos maiores erros da escola é não permitir brincadeiras livres às crianças. O papel dessas brincadeiras seria de trazer novas experiências e experiências únicas. As pessoas no âmbito escolar, familiar e na sociedade acreditam que o pedagógico é apenas em folhas, cadernos, livros e apostilas, ficando limitado à aprendizagem, causando poucas ou vagas memórias significativas.

Ainda há uma preocupação por parte dos professores sobre não ter registro no caderno das crianças, para justificar aos pais o que teria sido elaborado durante o período da aula. Há ainda uma cobrança por parte de alguns pais para que esse registro aconteça. É um desafio para a escola, para a direção e para os professores lidar tanto com os alunos quanto com as suas respectivas famílias, visto que essa parte de gestão de pessoas e apagar incêndios diários pode ter conflitos e divergências.

Sugiro que os docentes tenham um olhar sensível às cenas que acontecem no ambiente escolar. No dia a dia as interações e relações poderão ser cada vez mais inclusivas se tiver boas mediações e reflexões acerca desse tema bem pertinente. As crianças aprendem muito em contato com outras crianças e com os adultos em sua volta, possibilitando usar esse convívio também em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao saber que o tema epilepsia não fazia parte da Educação Especial me fez repensar no meu Trabalho de Conclusão de Curso, sendo preciso mudar um pouco o foco. Ao abordar a inclusão de forma total me fez abranger outras áreas, sem limitar apenas a uma.

O fato de pensar como pedagoga, no papel desse profissional em formação e não como o papel de mãe, foi possível afunilar o tema a ser pesquisado. Aprendi durante o processo da elaboração deste trabalho que não posso julgar sem conhecer, sem estar envolvida diretamente, do mesmo modo que não posso faltar com a ética profissional.

A partir do momento que se entende que este trabalho se tornará público, é preciso tomar cuidado na linguagem usada. Eu posso fazer a denúncia, do que penso estar errado, deixando a minha crítica sobre o tema abordado, permitindo ao leitor sua própria interpretação da descrição aqui apresentada. Sendo assim, tem a possibilidade de influenciar as demais pessoas, sobre algo que pode ser um ponto de vista só meu.

Foi possível refletir sobre minhas ações e me permitiu mudá-las. Através deste trabalho consegui trazer e descrever atitudes das quais eu não concordo, priorizando assim pela responsabilidade ética ao abordar o tema. Exemplo disso, é o fato de como nomear ou descrever uma criança específica que foi observada em seu contexto escolar.

Ao identificar, observar e narrar cenas de inclusão e de relações entre colegas foi possível descrever alguns elementos presentes em cada situação. Através das reflexões, reforço as ideias já descritas anteriormente neste trabalho, como da escuta e olhar sensível que o docente poderia ter quando notasse as questões que as próprias crianças trazem.

Identificamos a inclusão através das cenas de acolhimento e afeto entre as crianças. Observando uma turma de Anos Iniciais e suas relações com um colega com epilepsia, foi notado seus comportamentos, reações e sentimentos em situações comuns do cotidiano escolar.

Eu concluí que é bem mais fácil para mim como docente adequar-me à educação existente do que mudar os métodos de ensino já existentes. Mas ao assumir uma turma, como pedagoga posso usar meus conhecimentos e habilidades, adquiridos com os anos de graduação para que se tenha mudanças que não consegui fazer enquanto acadêmica e nos estágios obrigatórios do curso. Assim como não seria novidade dizer que há uma lacuna enorme entre a teoria e a prática, que caberia a esses novos profissionais, o trabalho de pelo menos tentar diminuir essa diferença. Quando se faz uma crítica a algo, também se faz necessário mudar e transformar, para que não seja em vão a reflexão.

O curso de Pedagogia foi um marco importante na minha trajetória de formação. Digo que, com certeza, não saio do mesmo modo que entrei. Foram cinco anos de aprendizagens, trocas, evolução e reflexão. Este trabalho traz um resumo de algumas etapas vivenciadas durante minha vida acadêmica. Foi através da base teórica que adquiri confiança para concluir os estágios e todas as avaliações semestrais que tive.

Eu continuarei em busca do meu lugar e do lugar de todas as crianças através do olhar e escuta sensível. Ao olhar para cada criança, independente de seu diagnóstico, me possibilitará perceber sua necessidade de querer estar em seu lugar, garantido por lei. Através das cenas de inclusão foi possível ver como as crianças se sentiam em relação a encontrar seu lugar, possibilitando prestar atenção e observar as reflexões feitas.

É inevitável ficar nostálgica e refazer a linha histórica na memória, agora na conclusão deste trabalho. Afinal, venci várias barreiras para chegar até aqui e acredito que o processo foi tão importante quanto a chegada. Se em cada início de semestre eu pensava em desistir, hoje agradeço por não ter feito. Assim como agradeço a todos que foram minha fonte de inspiração e força. Ao final do curso e deste trabalho, um ciclo se encerra para outros começarem.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Mariza Rabello de. SILVA, Tânia Regina Silva da. **Docência compartilhada e inclusão: planejar na perspectiva da diferença**. In: TRAVERSINI, Clarice Saete [et al.] (orgs.). Currículo e inclusão na escola de Ensino Fundamental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Pdf/978-85-397-0376-0.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2023.

BAIA, S. F. MACHADO, L. R. S. **Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/grXFbSRWQt5Zt64YDwLXjVh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 de setembro de 2023.

BRASIL a. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial, atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Brasília, 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 28 dez. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm. Disponível em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto das Pessoas com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o atendimento educacional especializado (AEE) na Educação Básica.**

Brasília, MEC/SEESP, 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília:1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC; SEESP,2001. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

CAMARGO, Eder Pires. **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces**. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/HN3hD6w466F9LdcZqHhMmVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de março de 2023.

CANCIAN, Viviane Ache. GOELZER, Juliana. BELING, Vivian Jamile. (Orgs)

Práticas formativas e pedagógicas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo–UFSM: narrativas docentes. Santa Maria: Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo–UFSM, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19354>. Acesso em 12 de setembro de 2023.

COSTA, L. L. de O.BRANDÃO, E. C.; MARINHO SEGUNDO, L. M. de B.

Atualização em epilepsia: revisão de literatura. Revista de Medicina, [S. l.], v. 99, n. 2, p. 170-181, 2020. DOI: 10.11606/issn.1679-9836.v99i2p170-181. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/157412>. Acesso em: 16 novembro 2023.

DECHICHI, Cláudia; SILVA, Lázara Cristina da. et al. **Inclusão Escolar e Educação Especial: teoria e prática na diversidade**. Uberlândia: EDUFU, 2008. Disponível em

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29650/4/Inclus%c3%a3oEscolarEduca%c3%a7%c3%a3o%20%281%29.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2023.

EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. (Orgs). **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre, Penso, 2016.

FERNANDES, P. **Estigma na epilepsia**. Campinas, 2005

FILGUEIRAS, M. A. S. Epilepsia tem cura. Conselho Regional de Medicina do Estado da Paraíba (CRM-PB) 2007. Disponível em

<https://portal.cfm.org.br/artigos/epilepsia-tem-cura/#:~:text=Epilepsia%20>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. ANDRE, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: PFAFF, N.; WELLER, W. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29-38.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. São Paulo: Vozes, 2008. p. 386-409.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PAVÃO, A; PAVÃO, S. (Orgs). **Práticas educacionais inclusivas na educação básica**. Santa Maria, FACOS-UFSM, 2019.

SANTOS de Jesus, Weverton, MENDONÇA Lima, João Paulo. **O estudo de caso**. Disponível em:

https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/12230130072012Pesquisa_em_Ensino_de_Qu%C3%83%C2%ADmica_aula_5.pdf. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

SANTOS, L; ANDRADE, E; FERNANDES, L; LIMA, E. **As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação**. Disponível:

[https://brapci.inf.br/index.php/res/download/169462#:~:text=Vygotsky%20\(2007\)%20defende%20que%20o,e%20tamb%C3%A9m%20com%20a%20cultura](https://brapci.inf.br/index.php/res/download/169462#:~:text=Vygotsky%20(2007)%20defende%20que%20o,e%20tamb%C3%A9m%20com%20a%20cultura). Acesso em: 09 de setembro de 2023.

TRAVERSINI, Clarice Salete [et al.] (orgs.). **Currículo e inclusão na escola de Ensino Fundamental**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Pdf/978-85-397-0376-0.pdf>
Acesso em 04 de junho de 2023.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NUP: 23081.161386/2023-72

Prioridade: Normal

Homologação de ata de defesa de TCC e estágio de graduação
125.322 - Bancas examinadoras de TCC: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	TCC de Florentina Rezende do Canto	TCC_Florentina_Rezende_do_Canto.pdf

Assinaturas

26/12/2023 20:39:21

JANE SCHUMACHER (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR (Ativo))
01.07.05.04.0.0 - OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS - ODH-PRE



Código Verificador: 3683254

Código CRC: 8f3a35a4

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

